



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6610 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Negro-grafias das trabalhadoras de uma escola pública periférica de Feira de Santana- BA: ser Pérola Negra numa pesquisa em Educação.

Joselice Souza Barbosa - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

NEGRO-GRAFIAS DAS TRABALHADORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA DE FEIRA DE SANTANA- BA: SER PÉROLA NEGRA NUMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

O trabalho proposto se constitui como uma pesquisa de Mestrado em andamento vinculada ao Programa de Pós- graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no âmbito da linha de pesquisa Culturas, Diversidade e Linguagens. Intitulada *Negro-grafias das trabalhadoras de uma escola pública e periférica de Feira de Santana-BA: Ser Pérola Negra numa pesquisa em Educação* a pesquisa em curso se inscreve como uma proposta de trazer ao protagonismo de uma pesquisa em Educação sujeitos que, *a priori*, estão fora do centro da relação pedagógica, mulheres negras trabalhadoras de uma escola pública situada na periferia de Feira de Santana, na Bahia, tendo sido norteada pela seguinte questão investigativa: Quais são as Negro-grafias tecidas pelos corpos-territórios das trabalhadoras negras de um espaço de educação formal?

Potencializo na pesquisa possibilidades do corpo como um território de expressividades da experiência vivida que leva em consideração as dimensões validadas pela epistemologia feminista negra (CRENSHALL, 2002; COLLINS, 2018; HOOKS, 2018; RIBEIRO, 2017; CARNEIRO, 2016; AKOTIRENE, 2018) - conhecimento e sabedoria- com a qual referencio teoricamente este estudo que se objetiva a compreender o fenômeno da resistência nas expressividades de Corpos-territórios escrevíveis, além de promover o diálogo entre as experiências individuais de enfrentamento e subversão da colonialidade[1]e o eu coletivo das vidas intersectadas pelas opressões estruturais e ainda analisar o modo como a ética do cuidado e a sabedoria ancestral são pulverizadas no *lócus* formal dos saberes científicos. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa afro referenciada, na qual a narrativa negra é perspectivada a partir dela própria, não na figura de “o outro” da pesquisa.

2 REALÇANDO O BRILHO DAS NEGRO-GRAFIAS: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Ao se observar o campo da pesquisa científica, somente nas últimas três a

população negra começa a passar de objeto a sujeito da investigação e, mesmo assim, as pesquisas se ancoravam epistemologicamente na racionalidade monocultural e hegemônica eurocêntrica. O rompimento com esta tendência só se torna viável a partir dos estudos pós-coloniais latino-americanos, que se apresentam como uma possibilidade de fundamentação desejosa em fundar um pensamento “outro” (WALSH, 2008) que afirme a necessidade de mudanças não apenas nas relações, como também nas condições estruturais e mecanismos de poder que atuam na manutenção das desigualdades em todas as esferas, inclusive a educacional.

A escrita sobre pessoas em condição de subalternidade justifica-se por romper o viés objetificador e reprodutor de lógicas de opressões da matriz colonial moderna, como propõe Patrícia Hill Collins (2018), pois “falamos de um lugar e encontro de diversas opressões, de falta de privilégios, de não pertencimento, de proximidade e de distância” (COLLINS, 2016, p.123). Entretanto, este lugar é, ao mesmo tempo, espaço de potência e tensão criativa permitindo que interlocutores pesquisados possam “se autodefinir e autovalorizar, confiando em suas próprias experiências e biografias pessoais e culturais com fontes significativas de conhecimento” (COLLINS, 2016, p.123). Nesse sentido, busco o rompimento com o regime único de autorização discursiva legitimado pela concepção moderna de ciência, que impôs o senso de mudez aos grupos localizados fora do centro branco hegemônico.

Trago para esta pesquisa o pensamento decolonial como eixo de análise, pois como afirma Maldonado-Torres (2007p. 131) “embora o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo”, tornando a produção acadêmica negra uma ferramenta de luta que possibilita apreender e visibilizar tecnologias de resistências das populações afrodiáspóricas. Para tanto, o texto apresenta e discute o conceito de colonialidade referenciado por intelectuais, como Castro-Gomes (2007), Grosfoguel (2007), Quijano (2007), Fanon (2005), (Maldonado-Torres (2007), Walsh (2008), Mignolo (2008) entre outras referências comprometidas em analisar os impactos econômicos, políticos, culturais, psíquicos da invenção e inculcação da não-existência dos povos subalternizados. Em concordância ao que diz Mignolo “ a opção decolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender para poder aprender novamente de outra forma” (MIGNOLO,2008, p. 49)

O outro eixo teórico e em diálogo com a proposta decolonial é a epistemologia feminista negra e sua fundamentação nas experiências coletivas e visões de mundo correspondentes que as mulheres negras consolidaram a partir de sua história peculiar. Ao buscar capturar indícios das subjetividades das protagonistas, as Pérolas Negras-Escrevíveis, adentro num lugar de memórias, desejos, medos, enfrentamentos e expectativas, o que levou-me a escolher tais perspectivas de análise. Quando mulheres negras definem a si próprias, como assevera Patricia Hill Collins [2], claramente rejeitam a suposição irrefletida daqueles que possuem autoridade de descreverem e analisarem a realidade alheia, de outro grupo. Independentemente do conteúdo, o ato de insistir na autodefinição valida o poder sobre si de mulheres negras.(COLLINS, 2018, p. 148).

As experiências do ser negra e mulher atravessam nossas trajetórias, portanto, uma epistemologia alternativa para rearticular nosso ponto de vista, deve refletir o que esses eixos de subordinação produzem quando entrecruzam-se e nos impactam. Raça e gênero, ainda que analiticamente distintos, operam conjuntamente: “a relevância da epistemologia feminista negra pode residir em sua capacidade de enriquecer nossa compreensão de como os grupos subordinados criam o conhecimento que fomenta tanto seu empoderamento quanto a justiça social”[3].

Mulheres negras desenvolveram seu ponto de vista característico utilizando formas alternativas para produzir e validar o conhecimento, uma vez que suas experiências como

agentes e produtoras de saberes têm sido constantemente distorcidas ou excluídas daquilo que é definido como conhecimento, colocando o pensamento feminista negro sob constante suspeição. Nesse sentido, apresento manifestadamente a parcialidade e não a universalidade para ressaltar a necessidade de compreender que todos nós falamos de tempos e de lugares específicos e que a pretensa neutralidade dos discursos é irreal.

Teoricamente, alicerçar a análise em perspectiva gestada pelo feminismo negro alinhada com a proposta da decolonialidade marca a escolha de referenciar o texto privilegiando as produções intelectuais de mulheres negras e, sempre que possível, com destaque para autoras brasileiras, uma necessidade de deslocar do centro norte global e em afirmação corpo geopolítica da produção de conhecimento. Entretanto, não se pretende aqui pontuar o que intelectuais negras pensam das teorias branco-hegemônicas tampouco comparar ideias de mulheres negras às teorias de matriz moderna/colonial. O texto sinaliza a diversidade de saberes em contraponto a uma tradição teórica única que, além de ser um esforço contra hegemônico, um caminho novo para lançar luz sobre a diversidade epistêmica, um dos pressupostos da decolonialidade, que propõe uma diálogo horizontal e simétrico entre os saberes.

Conceitualmente apresento para este estudo centrado nas experiências de mulheres negras, a perspectiva de Corpo-Território concebida por Eduardo Miranda, que assim o define:

“um texto narrativo orgânico naturalmente e humanamente rico em geobiografias que propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias. O corpo é o lugar zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define o outro, seja coisa ou pessoa. (MIRANDA, 2014, p. 70)

Miranda salienta que “o Corpo-Território precisa experimentar o mundo com leituras próprias, para sentir a energia vital presente no encontro com o outro”. (MIRANDA, 2019, p. 18). Considero que nós, mulheres negras, que histórica e socialmente fomos relegadas à base que sustenta privilégios, somos corpos-territórios autorais, memorialísticos marcados pelas nossas Escrivências (EVARISTO, 2016), palavra linda e ancestral criada pela intelectual e ativista Conceição Evaristo[4], que oferece rastros da inserção desse “sujeito” autoral, sobretudo mulheres negras que, ao tomarem para si suas próprias narrativas, dando a este ato um sentido de insubordinação. Desta potente ferramenta metodológica a pesquisa busca produzir os dados para análise.

Um estudo com centralidade nas narrativas de pessoas negras precisa dispor de uma metodologia que adentre na situação, nos valores sociais e nas formas culturais das comunidades afrodescendentes. Cunha Junior (2006) assevera que é necessário reconhecer o pensamento de base africana como um dos elementos importantes para romper com as formas hegemônicas de produção de conhecimento.

A opção por uma metodologia afro referenciada, que privilegie a escuta, a roda de conversa tem pautado este estudo desde a aproximação com as protagonistas aos primeiros contatos para a obtenção de dados. Até o momento um único instrumento escrito, um questionário com perguntas objetivas de identificação e outras informações elementares, foi utilizado. Com o advento da pandemia do novo Corona vírus e a necessidade do isolamento social, foi necessário repensar a produção dos dados e, como forma de manter o contato com as participantes, criamos um grupo de WhatsApp e passamos a trocar mensagens. Como nem todas as participantes tem acesso à internet nem dominam os recursos da comunicação

virtual, a opção foi a de esperar até que possamos, em segurança, realizar três encontros presenciais para a gravação das entrevistas.

Até o momento, a pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro intitulado *Torna-se Pérola Negra insurgente para além da dor e da falta* apresento, em caráter confessional e em primeira pessoa, a minha trajetória pessoal com as memórias de várias fases da vida, os atravessamentos que atingem mulheres negras e tornam o processo identitário doloroso e tardio até minha constituição como Corpo-território docente e ativista do feminismo negro como forma de anunciar meu tema de pesquisa e o que me moveu a estudá-lo. No segundo capítulo intitulado *do olhar insurgente à poesia das expressões: por que não elas, as Pérolas Negras?* resgato os caminhos da pesquisa, seus objetivos além de apresentar o aporte teórico-metodológico mais coerente com a experiência concreta e as subjetividades das colaboradoras, mulheres negras, trabalhadoras de um espaço que, embora seja marcado pela presença feminina, não consegue ter visão e escuta sensíveis a tais sujeitas: a escola pública. O terceiro capítulo, intitulado *O brilho insurgente das pérolas negras: transgressões bell hookianas* trago o processo de observação e de aproximação que resultaram no convite feito às protagonistas deste estudo para participarem de uma pesquisa de Mestrado. Ele contempla as formas como as Pérolas Negras sinalizam, sugerem e solucionam situações ocorridas no cotidiano escolar bem como traz aspectos da invisibilidade e injustiças que sofrem.

A pesquisa está prevista para ter 5 capítulos, sendo um de análise de dados após solucionarmos os problemas decorrentes do isolamento social e dificuldades do contato virtual e o último com as conclusões. Diante do quadro de pandemia e prolongamento da suspensão das aulas considero como possibilidade metodológica a obtenção de registros feitos na internet, até mesmo no grupo de WhatsApp, e outras redes sociais das participantes, inserindo uma possível combinação entre etnografia e análise das redes sociais. Embora seja relativamente novo esse método de pesquisa parece ser dinâmico ao possibilitar a interação entre pesquisador e interlocutores e, se sentir necessidade e tiver permissão, realizar com relativa facilidade entrevistas individuais com eles. Para tanto e, em virtude da urgência do momento, buscarei referências teórico-metodológicas que deem melhor instrumentalidade ao processo.

3. (IN) CONCLUSÕES DECOLONIAIS: PRIMEIROS OLHARES SOBRE AS NEGRO-GRAFIAS

Embora ainda não tenha feito a pesquisa de campo com a substancialidade que precisa ter, o estudo afeta, em primeira pessoa, como corpo-território pesquisador, como mãe, filha, cidadã e na identidade docente. Esta última, especialmente, pela compreensão de que ensinar e aprender é uma relação que está pulverizada para além do quadrado da sala de aula e por fazer questionar a pretensa legitimidade exclusiva dos sujeitos ensinantes. Corpos subalternizados tem muito a dizer- e ensinar- sobre o conhecimento sonogado pelos currículos. O caminho da pesquisa tem me tornado cada vez mais desobediente da norma por transitar pela decolonialidade e fazer encruzilhadas epistêmicas com o feminismo negro.

A ética do cuidado, que fez pausar em prol da saúde da pesquisadora e das protagonistas, permeia esta pesquisa que se pretende afetiva, insurgente e provocativa.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018. (Coleção Feminismos Plurais)

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais)

CANDAU, V.M.F.; MOREIRA, A. F. Educação escolar e cultura(s): Construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156 – 158, mai.– ago. 2003

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Bruschini, Cristina & Unbehaum Sandra G. (Org.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC: 34, 2002.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, TORRES, GROSGUÉL. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CRENSHAW, K. **Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2002.

CRENSHAW, K. **Porque a interseccionalidade não pode esperar?** Tradução de Santiago D’Almeida Ferreira. Disponível em : <https://apidentidade.wordpress.com/2015/09/27>. Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA JUNIOR, H. . **Metodologia Afrodescendente em Pesquisa**. Ethnos Brasil , v. ano 6, p. 69-80, 2008.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DAYRELL, J. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL.J (org.): **Múltiplos Olhares**: Sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. Disponível em : <https://goo.gl/VFdjdq>. Acesso em 30 ago. 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo : Elefante, 2019.

IPEA. **Retratos das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2011.

IPEA. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.]- Brasília : 2013

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo. Tradução de Renata. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-usos-da-raiva-mulheres-respondendo-ao-racismo/> Acesso em dez./2019

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/> Acesso em dez./2019

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. "**O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral**": os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <<http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/97/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Eduardo%20%20Miranda.pdf> Acesso set./2019

PESCE, Lucila e ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul/dez 2013.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, n. 2, v. 11, jul. /dez., 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos, 1988

SANTOS, B. S. **Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro**. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 set. 2004. 45 p. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2019.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia, 2010.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ediora UFMG, 2010.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

Palavras-chave: Negro-grafias; decolonialidade; corpo-território; saberes de resistência

[1] Compreendida como uma lógica global de desumanização preservada mesmo na ausência de espaços coloniais formais.

[2] COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018

[3] Ibidem, p. 146.

[4] Conceição Evaristo nasceu em Minas Gerais na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1946. Se formou em letras pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), é Mestre em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em uma de suas entrevistas, Evaristo chamou a atenção para o reconhecimento tardio de sua produção, o que me deslocou. Uma intelectual branca com essa trajetória não esperaria completar 72 anos para ter visibilidade.